

Estágio curricular e as contribuições para a formação docente

Raiana Marques Nascimento de Sena¹

Andressa Sobral Gonçalves²

Stéfane da Silva³

Resumo: O presente trabalho visa relatar a experiência obtida no Estágio Curricular Supervisionado (ECS), realizado numa instituição de ensino da rede pública, com um grupo de 42 alunos do 3º ano do Ensino Médio. Neste relato, se pretende analisar as contribuições da aula expositiva dialogada, associada à adoção de estratégias didáticas específicas para a abordagem do conteúdo de Evolução, a exemplo da construção de material didático e aulas práticas. Os resultados confirmam a importância que a experiência do ECS proporcionou a ressignificação dos conhecimentos prévios dos alunos acerca do conteúdo de Evolução, além de possibilitar ao licenciando a aproximação com a realidade escolar. Convém salientar que os desafios e aprendizados vivenciados no período do ECS contribuem sobremaneira para a construção da identidade profissional dos futuros docentes.

Palavras chave: formação docente, estágio curricular supervisionado, ensino de biologia, evolução.

1 Graduando do Curso de Ciências Biológicas-Licenciatura da Universidade Estadual de Santa Cruz - raiisena06@gmail.com;

2 Graduando do Curso de Ciências Biológicas-Licenciatura da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, asgoncalves007@gmail.com;

3 Graduando do Curso de Ciências Biológicas-Licenciatura da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, stefane.silva0611@gmail.com;

Introdução

O Estágio Curricular Supervisionado possibilita ao discente universitário a vivência na docência para integração da teoria acadêmica à prática pedagógica, o que enriquece a formação profissional dos mesmos. O ECS se divide em três disciplinas, que são aplicadas em semestres consecutivos no curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Enquanto o estágio I é realizado nas turmas do Ensino Fundamental, o II ocorre em Espaço Informal e o III em turmas do Ensino Médio.

O estágio foi dividido ainda em três momentos: (i) período de observação, (ii) coparticipação e (iii) regência. Os dois primeiros momentos têm por finalidade dar as diretrizes necessárias e proporcionar condições para que os estagiários conheçam a turma, bem como as estratégias didáticas utilizadas pelo professor supervisor. Além disso, conforme trata Carvalho (2012), proporciona o primeiro contato do estagiário com os alunos, os tornando aptos a construir suas ideias sobre o ensino e aprendizagem do conteúdo a ser ensinado, com base nas atitudes e no comportamento analisados em aula.

O ECS III foi realizado no período de 14 de abril de 2019 até 22 de julho de 2019. A turma onde o estágio foi realizado era composta por 42 alunos. As aulas foram supervisionadas pelo professor da instituição de ensino. O objetivo deste relato é apresentar as experiências vivenciadas pelas estagiárias como regente em sala de aula, relacionadas à disciplina de Biologia, especificamente com o conteúdo evolução, com o intuito de relatar e ressaltar pontos relevantes do estágio para a formação acadêmica e profissional, tais como a prática do docente, materiais e métodos utilizados, relação do aluno-professor e a relação entre os alunos de forma reflexiva.

Estágio na formação inicial

Em meados do século XX a educação passou por uma imensa inovação em todo o mundo, influenciada por movimentos dos países Europeus e Norte Americanos, principalmente por Inglaterra, Holanda, Estados Unidos e Canadá. (MARTÍEZ 2012).

Segundo Krasilchik (1992), essa renovação na educação propagou-se em diversos níveis e graus de ensino e abalou a didática tradicional, exigindo uma modernização na formação docente, com o fito de preparar para uma nova contextualização de ensino reflexivo, transcendendo a prática

repetitiva de procedimentos, memorização e classificação burocrática do conteúdo.

De acordo com Ghedin, Oliveira e Almeida (2015), essa mudança veio ocorrendo ao longo das últimas décadas, apresentando uma democratização social e uma busca para uma melhor qualidade da educação e ensino. Nesse contexto, foram criados novos paradigmas para a formação docente, com o intuito de fortalecer as escolas como espaços de inovação, formação e produção de conhecimento.

Conforme trata as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial de professores em nível superior dos cursos de licenciatura (2015), é imprescindível para o exercício integrado da docência na educação básica e do ensino médio 400 horas dedicadas ao estágio supervisionado obrigatório, na área de formação e atuação, contemplando também outras áreas específicas.

De acordo com Pimenta e Lima (2005), todas as disciplinas, num curso de formação de professores, são simultaneamente teóricas e práticas. Sendo elas as de fundamentos e as didáticas, mas ambas possuem por propósito o desenvolvimento dos professores. Ao longo da graduação são desenvolvidos conhecimentos, habilidades e condutas que formam um profissional. “Em períodos de estágio, esses conhecimentos são ressignificados pelo aluno estagiário partir de suas experiências pessoais em contato direto com o campo de trabalho” (ALMEIDA; PIMENTA, 2014, p. 73).

Em vista disso, o Estágio Curricular Supervisionado é de fundamental importância para a formação inicial. Segundo Ghedin, Oliveira e Almeida (2015, p.37) “o estágio constitui-se numa formação que é de natureza ontológica, isto é, compõe o que será o professor enquanto identidade profissional.” O estágio comumente se configura como o primeiro contato que o graduando tem com a escola de educação básica, enquanto seu futuro campo de atuação profissional. No entanto, com a exigência das 400 horas da prática como componente curricular (PCC) o acesso dos licenciandos à escola, pode acontecer em momento anterior ao estágio, fato extremamente positivo, pois aproxima o universitário do seu campo de trabalho.

Assume-se aqui que a construção da identidade profissional do futuro professor é desenvolvida, pensada, elaborada e definida não somente em relação à prática, mas envolvida num conjunto de ações que lhe permitem ampliar o horizonte de sua compreensão e de sua atuação de campo de trabalho. (GHEDIN; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2015, p.43).

Nesse sentido, a construção cognitiva e experimental ao longo da formação acadêmica, possibilita que o futuro professor, seja capaz de refletir sobre os processos de ensinar e aprender. Cabe ainda destacar, que ao longo do ECS, os futuros professores são preparados para lidar com a diversidade social e cognitiva que estão presentes nas salas de aulas, os desafiando a exercer uma prática pedagógica inclusiva.

Relação entre professor e aluno

As relações interpessoais são de suma importância e elementares na caracterização social, o que torna o espaço escolar um ambiente social. “A sala de aula em que o professor vai trabalhar não está isolada no mundo, se encontra dentro de uma escola” (CARVALHO, 2012, P. 3). Nesse sentido, fica claro que, existe uma relação entre professor-aluno, pois ambos estão em um ambiente que permitem diversas trocas de experiências, para além do processo de ensino e aprendizagem.

De forma geral a relação entre professor e o aluno consiste na relação de ensino linear e de aprendizagem tradicional, na qual o professor expõe o conteúdo e o aluno assimila, conforme trata Azevedo (2004). Entretanto, quando um professor possui uma formação reflexiva, deixa de ser um transmissor de conteúdos e passa a ser um construtor de conhecimentos, desenvolvendo nos alunos habilidades, como análise interpretação e argumentação (AZEVEDO, 2004).

A classe consiste num lugar que pode proporcionar a expansão dos conhecimentos de todas as pessoas ali presentes (MORALES, 2006). Além disso, o campo da comunicação do docente é uma ação social, pois, toda ação social é voltada para o outro. A trama interativa entre professor e aluno é complexa, porque vai além do processo de ensinar, estão envolvidas questões de cunho cognitivo do aprendizado do aluno, questões de caráter pessoal como afetivas e morais, tanto do professor como do aluno e todas influenciam a relação. Então, a atuação do docente se tornará a diretriz que influenciará o aluno, sendo ela de forma intencional ou não (TARDIF; LESSARD, 2005). Convém lembrar, que não existe um profissional ideal. Os professores enfrentam as mesmas adversidades que os alunos no ambiente externo ao escolar, possuem características distintas, lidam com fatores emocionais, econômicos e sociais (MORALES, 2006).

Segundo o pensamento de Tardif e Lessard (2005), a constituição de uma sala de aula é construída paulatinamente, influenciada pelas interações aluno-professor. Cabe ao professor ser o intérprete do que acontece

em classe, movimento dos alunos, suas motivações, reações, progressos e dificuldades, atentando para o fato de que os alunos são diferentes, com capacidade, facilidades, limitações e possibilidades de aprendizagem distintas.

É preciso também que os professores saibam utilizar diferentes estratégias que levem a todos a se desenvolverem cognitivamente. A relação entre discente e docente é imprescindível, pois num ambiente encorajador, os estudantes possuem segurança para conseguirem expor suas ideias, tirar dúvidas e ser participativo, não somente construindo um saber científico, mas se tornando um cidadão (CARVALHO, 2004). Deste modo, fica evidente a importância da formação do professor para instrumentalizá-lo a estabelecer relação de respeito e profissionalismo com os alunos que estarão sob sua responsabilidade.

Relato Docente

O Estágio Curricular Supervisionado III é ofertado no 7º semestre do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na UESC, realizado sob a orientação da professora da universidade e executado numa turma de ensino médio.

A experiência se deu num Colégio Estadual, localizado na cidade de Ilhéus – BA. A escola possui uma média de 560 alunos, distribuídos entre 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio, com o funcionamento nos períodos matutino e vespertino.

Ao iniciar um estágio ou assumir uma nova turma, cuidamos de refletir como desenvolver a função outorgada da melhor forma. Talvez nem todos tenham tais inquietações, mas nesse contexto é que foi iniciado o estágio obrigatório do ensino médio. Não era o primeiro contato numa turma do ensino médio, tendo em vista que já atuávamos como professoras, por meio do programa Residência Pedagógica.

Este contexto reflexivo nos fez lembrar o que cada autor citado acima tentava descrever em seus trabalhos, sendo eles estudados em disciplinas que precederam este momento, e com exatidão conseguimos ver o quão necessário se faz um embasamento teórico para o desenvolvimento da prática pedagógica como abordado por Almeida e Pimenta (2014). Durante durante toda nossa graduação somos preparados, tanto em conhecimento como também habilidades, para a atuação profissional.

Todo conteúdo que vai ser abordado em sala, pode de alguma forma impactar a vida de um aluno. Em vista disso, o professor que é um construtor

de conhecimento, como argumentado por Azevedo (2004), precisa ter certo cuidado devido à mediação que necessita fazer entre o conteúdo abordado e percepção de mundo que o aluno possui.

O conteúdo de Evolução é extenso, de certa forma complexo e envolve convicções religiosas e concepções distintas. Nesse sentido, muitos alunos já possuem sua opinião e conceitos formados sobre assunto, sem de fato realmente entender ou já ter estudado.

Desse modo, nos primeiros encontros desenvolvemos atividades em grupo, onde os alunos expuseram seus pensamentos, discutiram suas crenças, o que entendiam sobre de fato o que era Evolução. Assim como afirmam Carvalho (2012) e Tardif e Lessard, (2005) nenhuma sala de aula é isolada do meio externo, sempre sofre influência direta ou indireta do meio. Então, ignorar os conhecimentos prévios dos alunos e suas convicções não seria a melhor forma para fazê-los entender o conteúdo.

Como impor um assunto que vai contra cultura ou crença de alguém? Não sabemos responder a essa pergunta, mas é mais simples, quando se ensina a respeitar, não rompendo ou desmerecendo a crença e posicionamento do aluno. Entretanto, cabe ao docente explicar o cunho científico, já que a escola é uma instituição que divulga esse conhecimento. A sala de aula não precisa ser um local de debate entre ciência x religião, deve ser o local de divulgação do conhecimento científico.

Ensinar Evolução foi uma das melhores experiências que tivemos ao longo da formação inicial, pois os alunos estiveram sempre abertos a de fato aprenderem o conteúdo, tendo em vista que eles conseguiram compreender que o assunto não era uma imposição, nem uma obrigação de escolha religiosa e sim a expansão conhecimento e crescimento intelectual, visando o aprendizado.

Esse momento nos fez ver essa temática com um olhar diferente e empolgante. Como trata Morales (2006), não são somente os alunos que expandem seus conhecimentos em sala de aula, mas também os professores, vez que concluímos o quão importante é compreender o conhecimento prévio do aluno, intentando utilizar melhores táticas para o processo de ensino. As aulas se deram por meio de diferentes estratégias didáticas: aulas expositivas dialogadas com uso de jogos, modelos didáticos, slides, documentários, discussões, pesquisas, aulas expositivas dialogadas, além de aulas práticas, com o intuito de que todos os alunos se desenvolvessem e se envolvessem cognitivamente, tendo em vista que existe uma gama de diversidade dentro de uma sala de aula, na qual cada aluno pode ser beneficiado por essa variedade.

Convém salientar que ao longo de todo o Estágio, houve preocupação por parte das estagiárias em busca de novas estratégias didáticas, com o intuito de correlacionarem o conteúdo com outros assuntos de disciplinas diferentes e com o cotidiano dos alunos.

Nos primeiros momentos, aconteceram os estudos das teorias pré-evolucionistas e seus representantes. O contexto histórico, social, emocional, cultural e pessoal vivenciado por Lamarck e Darwin e suas respectivas teorias, também foram discutidos nesses momentos os conhecimentos de assuntos de geografia e história que já haviam estudado, tornando mais fácil a assimilação. Analisando em conjunto questões ecológicas, morfológicas, fisiológicas e comportamentais dos elementos e organismos, por meio das principais teorias como seleção natural, deriva genética, adaptação sendo exemplificando com a realidade dos alunos ou com recurso do seu cotidiano.

No segundo momento foi realizada uma aula experimental, que foi precedida por um documentário que tratava de diversos experimentos e teste realizados por Charles Darwin. As execuções destas aulas envolveram dois momentos: inicialmente os alunos reproduziram um experimento realizado por Darwin, que consistiu em deixar sementes como de melancia, coentro, tomate, quiabo e outras por 30 dias em água do mar e posteriormente serem plantadas.

Nessa prática houve um grande empenho, pois foi sugerida uma proposta de realização do pelas estagiárias e os alunos vieram empolgados com sugestões e melhorias, como por exemplo, trocar a água e sal marinho pela própria água do mar, visando uma maior precisão, alguns grupos levaram mais garrafas do que o mínimo solicitado, o que torna mais estimulante a atuação docente e de fundamental importância para a formação inicial de um professor, mostrando que os alunos também podem acrescentar e aprimorar os seus planos de aula. Esta atividade teve por objetivo justificar o porquê espécies de plantas estão distribuídas por todo o mundo sem intervenção humana, e avaliar se era possível uma dispersão pela água do mar. Por meio desse experimento foi possível observar a dedicação e curiosidade dos alunos num período de quase dois meses, pois tiveram que guardar por 30 dias a garrafa, plantar e cuidar das sementes observando seu desenvolvimento. Tais etapas podem ser visualizadas nas figuras abaixo:

Figura 1: O confinamento das sementes.



Fonte: Registros fotográficos das estagiárias, 2019.

Figura 2: O plantio.

Fonte: Registros fotográficos das estagiárias, 2019.

Figura 3: O desenvolvimento.



Fonte: Registros fotográficos das estagiárias, 2019.

Em outras aulas peças fossilizadas foram demonstradas aos alunos que ficaram bastante empolgados com o material apresentado. Convém destacar que um dos alunos reconheceu o dente de um Megalodonte, um dos maiores predadores marinhos que já existiu. E sucessivamente em rodas de conversa, observamos imagens de fósseis e foram feitas associações com filmes famosos como: A era do gelo, Jurassic Park, Tubarões, entre outros. Posteriormente, eles realizaram pesquisas e discutiram sobre os fósseis de maneira geral. Os que mais chamaram atenção foram: a nova espécie de fóssil de dinossauro vegetariano brasileiro – descoberto no Rio Grande do Sul que não existe em mais nenhum lugar do mundo – e a importância de Luzia o fóssil de ser humano mais antigo da América do sul que quase foi destruída no incêndio. Dessa forma pudemos discutir questões sociopolíticas do nosso país, desenvolvendo nos alunos não somente o saber científico, mas também um pensamento crítico e reflexivo. Esses momentos oportunizaram aos alunos a ampliação do conhecimento e da cultura. As peças utilizadas na demonstração podem ser observadas na figura 4.

Figura 4: Peças fósseis disponibilizadas pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC.



Fonte: Registros fotográficos das estagiárias, 2019.

Considerações Finais

A experiência do Estágio Curricular Supervisionado III, que ocorreu em uma turma de 3º ano do Ensino Médio, proporcionou contato com a futura realidade profissional, auxiliando na constituição da identidade docente. Nesse sentido, convém afirmar que por meio do planejamento, foi possível escolher estratégias e recursos didáticos para trabalhar a temática Evolução. Dessa maneira é de suma importância para o futuro professor compreender que a abrangência da sua atuação vai além da sala de aula. A articulação

entre teoria e prática é um dos aspectos mais importantes do Estágio. Além disso, permite compreender os desafios e as oportunidades da docência.

Referências

ALMEIDA, M. I.; PIMENTA, S. G. **Estágios supervisionados na formação docente**. São Paulo: Cortez, 2014.

AZEVEDO, M. C. P. S. Capítulo 2 – Ensino por investigação: problematizando as atividades em sala de aula. In: **Ensino de ciências unindo a pesquisa e a prática**. São Paulo: Thomson Learning, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação **Básica**. Brasília: MEC/SEB, 2015.

CARVALHO, A. M. P. Capítulo 1 – Critérios estruturantes para o ensino das ciências. In: **Ensino de ciências unindo a pesquisa e a prática**. São Paulo: Thomson Learning, 2004. CARVALHO, A. M. P. **Os Estágios nos Cursos de Licenciatura**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

GHEDIN, E.; OLIVEIRA, E. S.; ALMEIDA, W. A. **Estágio com Pesquisa** - São Paulo: Cortez 2015.

KRASILCHIK, M. Introdução – Caminhos do Ensino de Ciências no Brasil. In: **Em aberto: Tendências na Educação de Ciências – INEP**, Brasília, MEC, jul./set., 1992, p. 3-8. ISSN 0104-1037.

MARTÍNEZ, L. F. P. Introdução. In: **Questões sociocientíficas na prática docente: Ideologia, autonomia e formação de professores**. São Paulo: UNESPE, 2012.

MORALES, P. V. A **relação professor – aluno: o que é e como se faz**; Tradução: Gilmar Sant’Clair Ribeiro, 6 ed. São Paulo: Loyola, 2006.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Rev. Poíesis**, vl. 3, nº 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**; tradução de João Batista Kreuch- Petrópolis, RJ: Vozes 2005.